

CMP2.3.16.20

GUIA PARA AS NOVAS INSTALAÇÕES DO

MUSEU ARQUIDIOCESANO DE CAMPINAS

(ENTIDADE COMPLEMENTAR DA UNIVERSIDADE CATÓLICA)

FUNDADO A 8 DE MARÇO DE 1964



1972

RUA AQUIDABÃ, 734 - 13.100 - CAMPINAS - SP

GUIA PARA AS NOVAS INSTALAÇÕES DO MUSEU ARQUIDIOCESANO DE CAMPINAS

(entidade complementar da Universidade Católica)
fundado a 8 de março de 1964

Excertos do Documento da C.N.B.B. sobre o Patrimônio Histórico e Artístico.

Item 1.1 - O Porque do Documento

Aos 11 de abril de 1971, a Sagrada Congregação para o Clero enviou uma carta circular aos presidentes das Conferências Episcopais, sobre o cuidado que os Exmos. Snrs. Bispos devem ter pelo patrimônio histórico-artístico da Igreja. Por outro lado o Conselho Federal de Cultura enviou uma carta ao Presidente da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil, manifestando profunda preocupação pela frequência de atentados contra as Igrejas e seus bens artísticos, bem como a carência de elementares medidas de precaução, ante os danos sofridos pelos edifícios religiosos.

Diante destes dois documentos tão importantes, um da Santa Sé e outro do Governo, a CNBB, através da linha 4 - setor correspondente a liturgia, música sacra e arte sacra - sentiu a necessidade da preparação de um documento-base, do qual constassem uma fundamentação e normas práticas, a serem cumpridas, para a defesa do patrimônio histórico-artístico da Igreja.

Item 1.3 - Símbolo da Fé do Povo de Deus.

Os monumentos da Igreja, além do seu valor histórico-artístico, manifestam a verdadeira fé do povo para com Deus. E sobretudo hoje com maior grau de sensibilidade, os cristãos têm manifestado o seu profundo pesar pelas alienações, furtos, usurpações, destruições do patrimônio histórico da Igreja.

Item 1.7 - O Nosso Patrimônio Histórico-Artístico.

O grande acervo dos bens histórico-artísticos da Igreja tem dois aspectos: - O primeiro é o acervo

vivo, espalhado pelas nossas Igrejas e casas religiosas. Aos párocos, capelães e reitores de Igrejas e capelas compete zelar pela integridade, conservação e segurança destes bens. - o segundo são os depósitos de objetos artísticos, isto é, o que não está mais em uso. Para este recomenda-se a criação de museus paroquiais, diocesanos e interdiocesanos, para evitar a deterioração tão frequente nos depósitos.

A frase de Gustavo Barroso afirmando que a função de museu, no sentido amplo e prático, é "ensinar deleitando", pode indicar o objetivo da nova montagem do Museu Arquidiocesano, em salão mais adequado à sua finalidade, por feliz decisão do presidente, Sua Excia. o Senhor Dom Antônio Maria Alves de Siqueira, além do cuidado precípuo de observância ao documento da CNBB.

Na sua montagem, a indicação técnica para observar uma sequência de evolução histórica, seria aplicada com rigor, se sua coleção não se diversificasse pelo acervo, maiormente de arte sacra. Este acervo, também avolumado com peças de outra natureza, mais facilmente se formou com as doações de sacerdotes e fiéis; isto dá ao Museu um caráter que ele não tem, o de especializado em arte religiosa, mas não o priva da pesquisa e colecionamento de peças em outros campos da história, formando acervos, como já os tem iniciados, para exposições temporárias e futuras seções permanentes.

Segue-se, ao organizar-se a coleção ora apresentada, uma relativa sequência da arte religiosa, já que interfere nesta organização, o fator de local onde se instala, e as pequenas indicações da estética que a tornam mais atraente. Registram-se ofertantes, sendo um grande número de peças da coleção formada por Sua Excia. o Senhor Dom Paulo de Tarso Campos com as quais fundou este Museu, e aqui apontadas como homenagem ao preclaro fundador.

SÃO PAULO APÓSTOLO

Nº 15 - O São Paulo, externamente colocado, é obra da arte sacra baiana, com os mais belos característicos dos trabalhos desta região que compõe o magnífico exemplar do século dezoito, demonstrando apuramento e bom gosto. Estêve confiado ao Convento Carmelitano de Santa Tereza de São Paulo, no velho prédio da rua do Carmo (veja nossa coleção iconográfica).

Época: século dezoito

Ofertante: Coleção Dom Paulo de Tarso Campos

A PAIXÃO DE CRISTO

Iniciamos rememorando a paixão de Cristo que culminou com sua morte, depois de seus terríveis sofrimentos humanos, depois das orações no Horto, da prisão, flagelação, coroação de espinhos e subida ao Calvário com o madeiro da Cruz. É o mistério da Redenção.

A crucifixão, hábito perpetuado pelos romanos, especialmente para escravos, tem na história de Cristo um campo vasto de estudos que percorreram todos os detalhes da paixão, justificando, cada artista, característicos de sua obra. As mais modernas pesquisas poderão indicar detalhes das figuras do Crucificado que em seus aspectos impressionantes, apresentam Cristo vivo em sofrimentos indescritíveis, súplice com os olhos para o céu, sentencioso na pronúncia das sete palavras ou prestes a morrer e após a morte.

Era a cruz o mais degradante suplício; mesmo depois da morte de Cristo, ainda assim se manteve até que o Imperador Constantino a tirou da ignomínia para que ela se tornasse o sinal do cristão, quando descoberta por Santa Helena a verdadeira Cruz de Cristo. Eleito em 705, o Papa João VII, consagrou o uso do crucifixo que se tornou, mais tarde, obrigatório nos altares.

Robert Lesage, em "Vestês e Objetos Litúrgicos", pag. 18, lembra que "ao entrarmos numa igreja, parece-nos inteiramente natural ver logo a imagem de Cristo crucificado ocupando o lugar de honra, dominando o altar principal e mesmo elevado acima de tudo o mais"... Mostramos Cristo, crucificados e

cruzes, em variedades de detalhes, com tôdas as peças do Muséu aqui indicadas, na ordem para as visitas e com o número dos seus registros no Livro do Tombo, procurando facultar indicações úteis que permitam uma visão da vida religiosa e um despertar de interesse pela história e pela arte cristã, estabelecendo algumas seções nas quais se pode dividir nossa mostra.

NA PRIMEIRA PAREDE TRANSVERSAL

Nº 258 - Em épocas passadas, em cerimônia da Semana Santa, a procissão do entêrrô era precedida de sermão e descimento da cruz, colocação do Senhor Morto no esquife que seguia em procissão pela cidade. Para isto era necessário o movimento dos braços de Cristo que, de braços abertos na cruz, os teria ao longo do corpo quando posto no esquife; então, a ligação dos braços ao corpo se fazia de pelica, permitindo o movimento. Assim é esta imagem de Cristo morto, que pertenceu à primitiva Matriz de Nossa Senhora da Candelária de Indaiatuba.

Época: século dezessete

Ofertante: Paróquia de Nossa Senhora da Candelária, de Indaiatuba.

Nº 16 - Cruz que se venerava na Capela de Santa Cruz da cidade de Campinas. Não registra a história a fundação desta capela; existem, da primitiva, referências já em 1817, capela demolida e em seu lugar construída outra depois de 1822, a atual, cuja fachada principal foi substituída mais recentemente.

Época: século dezenove

Ofertante: Coleção Dom Paulo de Tarso Campos.

Nº 272 - Rosto de Cristo flagelado, obra de arte de entalhe em madeira, de artista francês.

Época: atual

Ofertante: Dr. Tito Joaquim de Lemos Neto e Senhora.

Nº 78 - Um baldaquino acolhendo uma perfeita e preciosa imagem de Jesus Crucificado exangue, pregado a uma cruz de pau redondo, tem uma curiosa, ou mesmo milagrosa história: pertencia esta peça a uma

igreja da Bahia que foi destruída por um incêndio; salvou-se este crucificado com o baldaquino nos quais se evidenciam sinais de terem sido cercados por labaredas. A cruz é de pau redondo, chamado "mamica de porca".

Época: século dezoito

Ofertante: Benjamim Mendonça.

Nº 17 - Este rico crucifixo trazido de Portugal em 1782, por antepassados do jornalista Antônio Franco Cardoso, conservou-se no oratório de sua família por várias gerações. Tem a particularidade de se lhe juntar uma imagem de roca, de Nossa Senhora das Dores.

Época: século dezoito

Ofertante: Dona Maria de Lourdes Cardoso dos Santos.

Nºs 1 a 4 - Três figuras de Cristo flagelado, e a coluna de uma delas, foram adquiridas em 1761 pelo vigário de Moji Mirim, o Padre Antônio do Prado e Siqueira que as mandou vir da Bahia; saíam elas nas procissões da Semana Santa. O padre Antônio do Prado Siqueira esteve presente à primeira missa rezada em Campinas, a 14 de julho de 1774, dia da fundação da cidade, celebrada pelo primeiro vigário Frei Antônio de Pádua Teixeira e assistida por Francisco Barreto Leme, o fundador, e outros moradores das roças da cercania.

Época: 1761

Ofertante: Coleção Dom Paulo de Tarso Campos.

Nºs 5 a 7 - Três imagens de roca, de Cristo: a primeira de joelhos dirigindo-se ao Pai; a segunda, manietado; a terceira já coroado de espinhos, com um joelho em terra. Tem a mesma origem e o mesmo histórico anteriores. Roca é sinônimo de vara e sobre ela trataremos adiante.

Época: 1761

Ofertante: Coleção Dom Paulo de Tarso Campos.

Nºs SC 638 e 629 - Duas palmas-candelabros de metal dourado e base com esmalte azul, floridas de peças de "biscuit" nas cores naturais, de uso na capela de Nossa Senhora da Boa Morte, da Santa Casa.

Época: 1875

Ofertante: Propriedade da Irmandade de Misericórdia de Campinas.

Nº 397 - O grande quadro de Jesus crucificado, obra notável de pintor europeu, foi trazido de Bruxelas e oferecido à Matriz de Nossa Senhora do Carmo de Campinas.

Época: 1915

Ofertante: Dona Ana Ferreira Novais de Camargo.

Nº 20 - O crucificado inteiramente nôvo pela repintura, é uma diferente figura de Cristo Morto.

Época: atual

Ofertante: Coleção Dom Paulo de Tarso Campos.

Nº 80 - Sobre a pequena mesa, o Bom Jesus da coluna, uma expressiva obra paulista cuja época pode variar entre os séculos dezessete e dezoito. Provém da paróquia instalada a meio do século dezoito.

Época: 1700 - 1800

Ofertante: Coleção Dom Paulo de Tarso Campos.

Nºs SC 621 a 624 - Quatro palmas-castiçais de metal dourado com flôres de biscuit, de delicado gosto, requinte de uso em fins do século dezenove.

Época: século dezenove

Ofertante: Propriedade da Irmandade de Misericórdia de Campinas.

Nº 60 - Cruz e Crucificado de muita antiguidade, proveio do antigo convento de Santa Tereza, de São Paulo, hoje demolido.

Época: século dezoito

Ofertante: Coleção Dom Paulo de Tarso Campos.

Nº 257 - Da arte popular, Cristo coroado de espinhos, obra que bem significa produção artesanal; imagem que se postou em altar nos séculos passados.

Época: 1700 - 1800

Ofertante: Paróquia de Nossa Senhora da Candelária de Indaiatuba.

Nº 112 - Cômoda-Altar com oratório gigante foi do uso dos bispos de São Paulo em seu palácio da rua

do Carmo, até Dom Lino Deodato Rodrigues de Carvalho, conservada depois nos conventos beneditinos de São Paulo, Santos e Vinhedo.

Época: século dezoito

Ofertante: Ordem de São Bento.

NO ORATÓRIO GIGANTE

Nº 408 - Crucificado, arte espanhola do século passado.

Época: século dezenove

Ofertante: Paróquia de Nossa Senhora das Graças de Vila Nova.

Nº 30 - Imagem de Santo Agostinho, de madeira, repintada, procedente do Seminário dos Padres Estigmatinos de Rio Claro, que a ofereceram ao 1º Arcebispo de Campinas.

Época: século dezenove

Ofertante: Coleção Dom Paulo de Tarso Campos.

Nº 143 - Primeiro crucifixo da Capela dos Padres Estigmatinos de Rio Claro, da mesma doação do número anterior.

Época: século dezoito

Ofertante: Coleção Dom Paulo de Tarso Campos.

Nºs 132, 133 e 134 - Conjunto do Calvário composto de cruz de feitura nova com extremidades e raios em dourados originais; Cristo de Marfim com chagas de rubi e dístico e resplendor de prata, originais. Procede da capela particular da família Valente Barbas que o trouxe de Portugal.

Época: século dezenove

Ofertante: Madre Zilda Álvaro de Sousa Camargo.

SÔBRE A MESA ENTALHADA

Nº 436 - Crucificado do tempo da rainha Dona Maria Primeira, pertenceu à 5a. avó da doadora. Procede de Portugal e tem uma decoração pouco comum, de ouro na cruz e prata no pedestal.

Época: século dezoito

Ofertante: D. Maria Elídia F. de Carvalho e Castro.

Nº 392 - Outro crucificado comovente, originário de Amarante, Portugal, da capela da família Marinho, de Monsenhor Marinho. Depois de Dona Ana Leite Marinho que a conservou por mais de sessenta anos; passou a pertencer durante outros cinquenta anos a Avelino Leite Marinho e, em seguida, à sua viúva que o ofertou ao Museu.

Época: século dezessete

Ofertante: Viúva Avelino Leite Marinho.

SÉCULO DEZESETE

Além dos crucificados do século dezessete, de números 47, 258 e 392, registrados em seus lugares próprios, formamos este conjunto de cinco imagens, quatro de barro paulista e uma de madeira. Suas características levam a esta classificação:

Nº 79 - Atribue-se esta imagem de Nossa Senhora da Conceição, a um dos maiores ceramistas brasileiros, que viveu no século dezessete, deixando muitas obras em São Paulo: Frei Agostinho de Jesus. A imagem paulista é de barro cinza, pesadíssima, inteiramente ôca, com característicos de sua época e autoria.

Época: século dezessete

Ofertante: Coleção Dom Paulo de Tarso Campos.

Nº 263 - Nossa Senhora do Rosário, paulista de barro cinza, toda ôca, pesadíssima. É exemplar bem caracterizado pela matéria prima e acabamento.

Época: século dezessete

Ofertante: Paróquia de Santa Cruz da Conceição.

Nº 141 - Nossa Senhora do Rosário, de barro cinza, pesadíssima, toda ôca, venerava-se em fazenda do doador de terras, onde se construiu capela, depois elevada a matriz, para a qual foi conduzida em 1828.

Época: século dezessete

Ofertante: Coleção Dom Paulo de Tarso Campos.

Nº 142 - Santo Antonio de Pádua, de barro rosado e todo ôco. Padroeiro primeiramente, transferido depois a Joaquim Pereira em cuja capela se venerou, passando posteriormente a ser imagem tumular; retirada do cemitério, foi doada pela bisneta do anterior proprietário, Dona Guiomar Pereira.

Época: século dezessete

Ofertante: Coleção Dom Paulo de Tarso Campos.

Nº 29 - Santo André, de madeira pesadíssima, ôca em parte, policromada, traz a curiosidade rara de ter o nome do santo no pedestal.

Época: século dezessete

Ofertante: Coleção Dom Paulo de Tarso Campos

PALMAS LUMINOSAS

(Serão tratadas adiante)

IMAGENS DE ROCA

De séculos passados, é a imagem de roca, hoje proibida para o culto. Eram imagens com cabeça, mãos e, às vezes, pés de feitio natural, obra de artista, peças armadas em um corpo de roca (varas), segurando-as em suas posições próprias. Estes corpos cobriam-se com vestimentas de tecidos, havendo a devoção de oferecer tais vestimentas aos santos. Entre 1792 e 1795, José Velho Moreira ofereceu um manto a Nossa Senhora da Conceição, padroeira da matriz de Campinas; as noivas comumente ofertavam o vestido nupcial a Nossa Senhora, como fizeram as filhas do sr. de engenho Jquim. José dos Santos: Maria Gertrudes, um rico vestido de setim branco recamado de ouro e sua irmã Senhorinha, vestido rico bordado de prata; - após os seus casamentos realizados na primeira metade do século dezenove.

Depois das três imagens de roca, de Cristo, no grande grupo da Paixão, de números 5 a 7, apresenta-se agora mostra completa para conhecimento desta modalidade da arte religiosa e de sua confecção, desde a peça isolada, peça em composição, peça completa mas sem roupagem, até peças terminadas e recobertas de suas vestes.

Nº 395 - Cabeça de São Jorge, de madeira, para roca.

Época: século dezoito

Ofertante: Paróquia de Nossa Senhora da Candelária, de Indaiatuba.

Nº 252 - Cabeça de Nossa Senhora, de barro branco, para roca.

Época: século dezoito

Ofertante: Paróquia de Nossa Senhora da Candelária, de Indaiatuba.

Nº 253 - Cabeça de Cristo, de barro branco, para roca.

Época: século dezoito

Ofertante: Paróquia de Nossa Senhora da Candelária de Indaiatuba.

Nº 254 - Cabeça de Cristo, de madeira, para roca,

Época: século dezoito

Ofertante: Paróquia de Nossa Senhora da Candelária de Indaiatuba.

Nº 255 - Cabeça de São Joaquim, de madeira, para roca.

Época: século dezoito

Ofertante: Paróquia de Nossa Senhora da Candelária de Indaiatuba.

Nº 251 - Cabeça de São Francisco de Assis, de madeira, para roca.

Época: século dezoito

Ofertante: Paróquia de Nossa Senhora da Candelária de Indaiatuba.

Nº 271 - São Benedito, de roca, com sua túnica e capa que, sendo de tecido, foram submetidas a uma goma resistente à água, permitindo dispor a vestimenta para suas ondulações permanentes e artísticas. É originária de capela que foi, depois, destinada a outros misteres.

Época: século dezoito

Ofertante: José Roberto Neri Lôbo.

Nº 32 - Nossa Senhora da Conceição, de roca, com sua túnica também antiga, tem a particularidade de, em uma só peça, conter os dois braços e as duas mãos, com movimento nas juntas do tronco. Originária de Minas Gerais.

Época: século dezoito

Ofertante: Coleção Dom Paulo de Tarso Campos.

A MOSTRA DO CENTRO PODE INDICAR COMO SE FAZIAM AS IMAGENS DE ROCA

Nº 268 - Nossa Senhora das Dôres, de madeira, sem as rocas mas com seus sinais assinalados e a incisão para a espada no peito, bem indicando a invocação almejada.

Época: século dezoito

Ofertante: Paróquia de Nossa Senhora da Penha de Itapira.

Nº 393 - Santo em oração, de madeira, com as rocas recompostas em parte.

Época: século dezoito

Ofertante: Coleção Dom Paulo de Tarso Campos.

Nº 394 - Santo em oferenda, de madeira, com tôdas as rocas e base renovadas e a evidente falta da ca-beleira.

Época: século dezoito

Ofertante: Coleção Dom Paulo de Tarso Campos.

MEDALHEIRO, em catálogo especial.

MOSTRA LATERAL

A ROCA E OS NICHOS

As imagens de roca exigiam resguardo maior, donde a necessidade de nichos que as acolhessem.

Nºs 22 e 23 - Nicho antigo de altar abrigando Nossa Senhora da Conceição, de roca, que tem o rosto e as mãos de carnação e olhos de vidro, com sua coroa. As vestes renovadas como era de uso.

Época: século dezoito/dezenove

Ofertante: (de ambos) Coleção Dom Paulo de Tarso Campos.

Nºs 10 e 11 - Nicho antigo de altar abrigando Nossa Senhora do Rosário, de roca, rosto e mãos de carnação e olhos de vidro; traz um fausto nos adornos e objetos complementares, como bem caracterizavam as devoções dos séculos passados. O Menino Jesus, como se fazia habitualmente, não é de roca, mas íntegro na sua escultura e poderia ser isento de roupagem se o meio de fixação no colo de Nossa Senhora, deixasse de ser aparente e feio. Nas imagens do século passado e anteriores, o menino Jesus comumente se representava inteiramente nú, hábito das famílias pobres que assim criavam seus meninos, e ainda os criam em regiões subdesenvolvidas do nosso país. Os grandes pintores da Idade Média, do Renascimento, das várias escolas quer latinas, quer flamengas e norte da Europa, em seus quadros

de Madonas, Fugas para o Egito e demais, representavam o Menino nu ou apenas com pequena tanga. Em nosso século é que passaram a vestir estas imagens de esculturas integras e feitas para representação sem vestimentas.

Época: século dezoito

Ofertante: Coleção Dom Paulo de Tarso Campos.

Nºs 58 e 59 - Nicho de altar abrigando Nossa Senhora das Dôres, de roca, com seus atavios, trazendo estampada no semblante a sua dor.

Época: século dezoito

Ofertante da imagem: Coleção Dom Paulo de Tarso Campos.

Do Nicho: Paróquia de São José, de Elias Fausto.

IMAGENS DA VITRINA SUPERIOR

Ao alto figuram peças da arte brasileira, da região da Bahia ou de outros estados do norte do país. Tais peças apresentam característicos regionais, constituindo uma arte personalizada, de traços rigorosamente demonstrados. Bem se nota a intensa devoção por Nossa Senhora da Conceição, cujas imagens são mais numerosas, como mais frequente era esta invocação de signando vilas e paróquias. Junto às peças estão indicações úteis aos visitantes; a imagem de número 151 traz um dístico elucidativo com os seguintes dizeres: *"Oficina de Imagens/Alvaro da Costa Lima/Conserta-se com perfeição/Aceita-se encomenda/Rua Silva Jardim 51 Bahia"*. Além destas, estão várias imagens de outras procedências, conforme indicações, sendo de notar que uma delas pertenceu ao oratório do Barão de Paranapnema.

Ao fundo da mesma vitrina está exposta a arte portuguesa com exemplares diversos, inclusive três imagens (infelizmente repintadas) que pertenceram à Capela do Barão de Monte Mor.

MOSTRA DE LITURGIA

É a liturgia o culto oficial e público que a Igreja tributa a Deus. Jesus Cristo ao instituir o Sacrifício Eucarístico, realizou ato litúrgico por excelência, da maior importância, de completa e perfeita realização na Santa Missa. Rituais, livros, vasos

sagrados, luminárias e mais objetos vários, exigem-se para a liturgia. Na ordenação de peças deste Museu, desejou-se observar uma sequência que melhor complete a demonstração das várias estações da liturgia dentro da Igreja, perfeição difícil de alcançar na diversidade de fatores que permitem demonstrar materialmente, ilustrando, numa exposição elucidativa.

Nº SC 631 - Mesmo dentro da vitrina inferior, apresentamos um turíbulo, ou incensório, caçoula (vaso) de metal que contém a brasa sobre a qual se esparge o incenso. Uma tampa perfurada para este vaso, tem mobilidade pela corrente central que é puxada quando se necessita levantar a tampa. Em cerimônias religiosas praticava-se o incensamento de imagens, de altares e de ministros.

Época: século dezenove

Ofertante: Propriedade da Irmandade de Misericórdia de Campinas.

Nºs SC 614 a 617 - as LUMINÁRIAS - Lâmpadas para a luz que dia e noite deve arder diante do altar do Santíssimo Sacramento. Das quatro que apresentamos, uma belíssima obra de arte e outras de mais modesta confecção, todas foram do uso da capela de Nossa Senhora da Boa Morte, da Santa Casa. A luz diante da Santa Reserva apareceu no século XIII para generalizar-se no século XVI.

Época: século dezenove

Ofertante: Propriedade da Irmandade de Misericórdia de Campinas.

Nºs SC 570 a 580 - Nas luminárias se destacam as plamas luminosas, douradas, com flores de pétalas brancas e centro com pequenas lâmpadas elétricas, modernismo dos primeiros anos do século atual. Foram do uso da capela de Nossa Senhora da Boa Morte, da Santa Casa, quando os adornos dos altares obedeciam a um apuramento que caracterizava a devoção coetânea.

Época: 1908

Ofertante: Propriedade da Irmandade de Misericórdia de Campinas.

Nº 401 - Voltando o observador para o centro do salão vê um anjo de pé, de azas abertas, com as mãos em posição de segurar uma haste de luminária que lhe

falta; o anjo-suporte de luminárias, era colocado sobre o altar ou diante do retábulo. Foi da demolição da Igreja de Nossa Senhora da Penha de Itapira.

Época: século dezenove

Ofertante: Paróquia de Nossa Senhora da Penha de Itapira.

Nº 402 - Anjo sentado, também de azas abertas e destinado a suportar luminária. Foi do uso da mesma Igreja do número anterior.

Época: século dezenove

Ofertante: Paróquia de Nossa Senhora da Penha de Itapira.

Nºs 72 e 73 - Banqueta com dois castiçais "de requiem", século dezessete, com decoração de ouro e preto, significando luto, e mais quatro iguais, estes despidos de sua decoração original. São idênticos aos do Convento de Nossa Senhora da Conceição de Itanhaem, e estiveram em uso no convento de Santa Tereza, da cidade de São Paulo.

Época: século dezessete

Ofertante: Coleção Dom Paulo de Tarso Campos.

Nº 65 - A pia batismal. O batismo é sacramento instituído por Cristo, para infundir na alma a graça santificante e fazê-la nascer para a vida sobrenatural; imprime caráter e se realiza pela infusão ou imersão na água benta contida na pia batismal. O presente exemplar é uma bacia de madeira entalhada em gomos, afixada modernamente em coluna de alvenaria. Foi do uso da primeira igreja matriz de São José, de Moji Mirim, inaugurada e benzida solenemente a 1º de novembro de 1751. Dela se fez, na época, o registro: "acha-se com pia batismal, que é de pau, conforme necessidade da terra".

Época: 1751

Ofertante: Coleção Dom Paulo de Tarso Campos.

Nºs SC 606, 607 e 608 - Sobre a arca estão três formas para confecção de partículas eucarísticas: uma de simples corte; outra mais antiga que exigia aquecimento em fogo, e outra mais moderna, com aquecimento elétrico.

Época: início do século atual

Ofertante: Propriedade da Irmandade de Misericórdia de Campinas.

Nº 403 - Voltando o visitante para a lateral, vislumbra na parede uma peça de entalhe. É um fragmento dos entalhes da Catedral (esteve pintado de esmalte branco) retirado por motivos que se ignoram e faz parte da obra do entalhador Vitoriano dos Anjos Figueiroa, baiano que iniciou, conforme projeto que trouxe da Bahia, os trabalhos para a Catedral de Campinas. De 1853 a 1861, com seus discípulos, entalhou o altar mor, os púlpitos, as tribunas e os parapeitos do côro. Seu continuador foi Bernardino de Sena Reis e Almeida que entalhou os altares laterais e os das capelas laterais, de 1862 a 1865.

Época: 1853

Ofertante: Curato da Catedral de Campinas.

Nº SC 618 - O confessional de pequena capela ou de uso dentro da sacristia, para o Sacramento da Penitência, no qual o sacerdote investido de jurisdição, ouve as confissões dos penitentes e os absolve com imposições de penas. Era utilizado na capela de Nossa Senhora da Boa Morte, da Santa Casa.

Época: século dezenove

Ofertante: Propriedade da Irmandade de Misericórdia de Campinas.

Nº Ct 1 - Trono do Santíssimo Sacramento no qual se conservava em ostensório, a Partícula consagrada para adoração dos fiéis. Tem bem o gosto de uma herança barroca do fim do século.

Época: século dezenove

Ofertante: Pertence à Catedral de Campinas.

Nº 85 - Trono episcopal, peça hoje abolida, era do uso pessoal, em sala particular, do segundo bispo de Campinas, Dom Francisco de Campos Barreto, contendo no alto do espaldar as suas armas episcopais sobre o listel carregado de sua divisa: "*Dominus Regit Me*". Traz afixada ao lado pequena placa com os dizeres:

*"A Dom Francisco de Campos Barreto esta lembrança de suas filhas espirituais.
Irmãs Franciscanas do Coração de Maria".*

Época: 1930

Ofertante: Coleção Dom Paulo de Tarso Campos.

Nºs 266, 430 e 431 - Fragmentos do retábulo da matriz de Nossa Senhora da Penha de Itapira, que foi elevada à freguesia curada em 1847.

Época: século dezenove

Ofertante: Paróquia de Nossa Senhora da Penha de Itapira.

Nº 193 - Pequena imagem do Espírito Santo, do altar da antiga igreja matriz de São José em Moji Mirim.

Época: século dezenove

Ofertante: Coleção Dom Paulo de Tarso Campos.

Nº 267 - Frontal do púlpito da igreja matriz de Nossa Senhora da Penha, de Itapira, hoje demolida, com a figura de um anjo ouvinte.

Época: primeira metade do século dezenove

Ofertante: Paróquia de Nossa Senhora da Penha de Itapira.

Nº 194 - Anjo voante, pertenceu ao altar da igreja matriz de São José, de Moji Mirim, demolida.

Época: século dezoito

Ofertante: Coleção Dom Paulo de Tarso Campos.

Nº SC 619 - As igrejas barrocas primam possuindo bancos de sacristia que, como outros móveis do mesmo cômodo, são verdadeiras obras de arte. O nosso é modesto mas classifica bem uma época com igrejas pobres, porém de grande frequência de fiéis.

Época: século dezoito

Ofertante: Propriedade da Irmandade de Misericórdia de Campinas.

Nºs 118 a 124 - Banqueta (jôgo de castiçais com a cruz) do século dezessete, arte barroca de raro equilíbrio, composta de seis castiçais e um pedestal de cruz que se destina ao meio deles. Pertenceu a uma igreja beneditina.

Época: século dezessete

Ofertante: Ordem de São Bento.

Nºs 55, 56 e 400 - No alto da parede final do Museu estão três murais: os laterais representando o "agnus Dei" (Cordeiro de Deus), e o Pelicano, pássaro que a lenda dizia alimentar os filhotes com o próprio sangue, o que simbolizava o amor de Cristo; o central, com a figura de Cristo manietado, coroado de espinhos e ladeado por um anjo e por um guarda. Adornavam as paredes interiores da demolida igreja

de Nossa Senhora do Rosário de Campinas, fundada em 1807 pelo Padre Antônio Joaquim Teixeira, e demoli-

Nos. 55, 56, 264 e 400 - É necessário esclarecer que estes painéis da antiga e demolida igreja do Rosário, foram salvos e conservados pela dedicação e atuação do Dr. José De Angelis, que fez doação de todos eles à Cúria Metropolitana.

Lentz U.S.B.

Época: 1928

Ofertante dos nºs 55 e 56: Coleção de Dom Paulo de Tarso Campos.

Ofertante do nº 400: Sua Excia. Dom Antonio Maria Alves de Siqueira.

Nº 264 - Pequeno mural da mesma antiga igreja de Nossa Senhora do Rosário de Campinas, contendo as armas episcopais do primeiro bispo da diocese, Dom João Batista Correia Neri. Tem a mesma origem e o mesmo histórico dos murais anteriores.

Época: 1928

Ofertante: Coleção Dom Paulo de Tarso Campos.

Nº 46 - Altar desmontável que pertenceu ao engenho do padre Manuel José Fernandes Pinto, falecido em Campinas em 1832, 11º vigário da paróquia. Data do século dezoito e passou à propriedade de Dona Maria Felicíssima de Abreu, afilhada do padre, tendo sido o altar localizado em segunda casa do engenho, hoje sita à rua Arlindo Joaquim de Lemos nº 1300. Altar é a mesa sobre a qual o sacerdote oferece o sacrifício litúrgico; tem ela tido várias formas, (sofrendo ultimamente mudança de retorno ao passado e tomando a forma primitiva de mesa, para a celebração com o sacerdote voltado para o povo); sobre a mesa ou acima dela, tornou-se hábito a colocação de imagem, dentro ou fora do nicho, e o crucifixo.

Época: século dezoito

Ofertante: Dr. Arlindo Joaquim de Lemos Junior.

Nº 47 - No nicho do altar nº 46, uma cruz de cedro decorada de preto e ouro, resplendor e dístico de prata, com o crucificado agonizante.

Época: século dezoito

Ofertante: Dr. Arlindo Joaquim de Lemos Juníôr.

de Nossa Senhora do Rosário de Campinas, fundada em 1807 pelo Padre Antônio Joaquim Teixeira, e demolida em 1961. Foi esta igreja, no início do atual século, reconstruída e decorada pelo pintor Tomás Scheuchl, cujas iniciais estão no mural maior, que participou da decoração da destruída abadia beneditina de Montecatini, na Itália, e da atual abadia de São Bento da cidade de São Paulo, todas as três no estilo de Beuron inaugurado pelo Padre Desidério Lentz O.S.B.

Época: 1928

Ofertante dos nºs 55 e 56: Coleção de Dom Paulo de Tarso Campos.

Ofertante do nº 400: Sua Excia. Dom Antonio Maria Alves de Siqueira.

Nº 264 - Pequeno mural da mesma antiga igreja de Nossa Senhora do Rosário de Campinas, contendo as armas episcopais do primeiro bispo da diocese, Dom João Batista Correia Neri. Tem a mesma origem e o mesmo histórico dos murais anteriores.

Época: 1928

Ofertante: Coleção Dom Paulo de Tarso Campos.

Nº 46 - Altar desmontável que pertenceu ao engenho do padre Manuel José Fernandes Pinto, falecido em Campinas em 1832, 11º vigário da paróquia. Data do século dezoito e passou à propriedade de Dona Maria Felicíssima de Abreu, afilhada do padre, tendo sido o altar localizado em segunda casa do engenho, hoje sita à rua Arlindo Joaquim de Lemos nº 1300. Altar é a mesa sobre a qual o sacerdote oferece o sacrifício litúrgico; tem ela tido várias formas, (sofrendo ultimamente mudança de retorno ao passado e tomando a forma primitiva de mesa, para a celebração com o sacerdote voltado para o povo); sobre a mesa ou acima dela, tornou-se hábito a colocação de imagem, dentro ou fora do nicho, e o crucifixo.

Época: século dezoito

Ofertante: Dr. Arlindo Joaquim de Lemos Junior.

Nº 47 - No nicho do altar nº 46, uma cruz de cedro decorada de preto e ouro, resplendor e dístico de prata, com o crucificado agonizante.

Época: século dezoito

Ofertante: Dr. Arlindo Joaquim de Lemos Junior.

Nº 48 - A imagem de Nossa Senhora da Conceição, também no mesmo nicho do altar, é de pedra e tem o mesmo histórico.

Época: século dezoito

Ofertante: Dr. Arlindo Joaquim de Lemos Junior.

Nºs 49 e 50 - Dois vasos de opalina branca adornada de ouro, vistos pela lateral, acompanharam o altar e o floriram nas solenidades da mesma família possuidora.

Época: século dezoito

Ofertante: Dr. Arlindo Joaquim de Lemos Junior.

Nº 432 - Lápide de mármore de carrara que deveria ter vedado o sarcófago de um bispo.

Época: século atual

Ofertante: Coleção Dom Paulo de Tarso Campos.

Nºs 69 e 70 - Dois castiçais barrocos de madeira dourada, século dezoito, do primitivo convento carmelita de Santa Teresa da cidade de São Paulo.

Época: século dezoito

Ofertante: Coleção Dom Paulo de Tarso Campos.

Nºs 449, 450 e 451 - Três ânforas para a sagração dos Santos Óleos, "Chrism", "Cathecum", "Imfirm".

Época: século atual

Ofertante: Cúria Metropolitana de Campinas.

Nºs Ct 2 e 3 - Ostensório de bronze dourado, belíssima obra de arte que conduziu o Santíssimo Sacramento no primeiro Congresso Eucarístico de Campinas em 1942, posto em nicho especial.

Época: século atual

Ofertante: Pertence à Catedral de Campinas.

Nºs 441 e 442 - Dois castiçais de vidro, de fim de século.

Época: século dezenove

Ofertante: Viúva Avelino Leite Marinho.

Nºs 61 e 62 - São Jorge foi importado em 1860 para a matriz de Nossa Senhora da Conceição (Catedral) instalada em 1870 na demolida igreja de Nossa Senhora do Rosário, Inaugurada a matriz nova (Catedral) em 1883, para lá passou, sendo santo de grande devoção do povo e participando das procissões que acompanhava posto sobre um cavalo.

Época: século dezenove

Ofertante: Coleção Dom Paulo de Tarso Campos.

Nº 68 - Tela de Madona, renascença italiana que tem despertado a atenção de artistas que a contemplam. Carece de exame pericial.

Época: século quinze (?)

Ofertante: Dona Helena Hermman

Nºs 404 e 405 - Dois anjos para luminária que se coloca em nos altares; pertenceram à velha matriz da Imaculada Conceição de Leme.

Época: século dezenove

Ofertante: Monsenhor Euclides Senna.

Nºs 12 e 13 - Oratório doméstico com o menino Jesus que, não sendo de roca, foi vestido pelos devotos (veja esclarecimentos nos números 10 e 11, página 11)

Época: século dezenove

Ofertante: Coleção Dom Paulo de Tarso Campos.

Nº 279 - Oratório doméstico que pertenceu à câmara da Viscondessa de Campinas, caridosíssima senhora do passado da cidade.

Época: século dezenove

Ofertante: Dona Iolanda Pacheco e Silva de Siqueira, bisneta da Viscondessa de Campinas.

Nºs 51 e 52 - Par de castiçais de prata real do Pônto, contrastada, com as iniciais do seu primeiro proprietário, J.J.S.C., Joaquim José Soares de Carvalho. Figurava no altar de nº 46.

Época: século dezenove

Ofertante: Dr. Arlindo Joaquim de Lemos Junior.

Nº 409 - Alto nicho de igreja da arquidiocese, contém paramentos episcopais.

Época: século dezenove

Ofertante: Coleção Dom Paulo de Tarso Campos.

PARAMENTOS

Nºs 410 a 419 - Dez dalmáticas, de cinco côres, para cerimônias diversas e de uso dos ministros do primeiro arcebispo de Campinas. A côr na liturgia conhecia significados simbólicos: a encarnada simboliza a caridade, o sacrifício, e é usada nas festas da Paixão, do Espírito Santo e dos mártires; a branca simboliza a glória, a magestade, a alegria, a inocência, a imortalidade, pelo que é usada nas fes-

tas de Cristo (menos das da Paixão), de Nossa Senhora, dos anjos e dos santos em geral; a verde significando a esperança, a vida eterna, a fé e a confiança na vinda do Espírito Santo, é empregada aos domingos durante o ano; a roxa simboliza tristeza e se usa nos tempos de penitência e recolhimento; finalmente, a preta, significando dor, usava-se na sexta feira da Paixão e atos fúnebres.

Nº 420 - Par de luvas litúrgicas pontificais, de cor verde, de uso do primeiro arcebispo de Campinas.

Nºs 421 a 424 - Quatro pares de cáligas (ou meias) pontificais, bordados a ouro, dois brancos, um encarnado e um verde, também do primeiro Arcebispo. Seu uso na igreja é documentado desde o século V; não se usavam nos pontificais de requiem e na sexta feira santa.

Nºs 425 a 427 - Três pares de sandálias pontificais cujo uso na Igreja se documenta em mosaicos desde o século V; são exemplares bordados a ouro, brancos, verdes e encarnados, do primeiro Arcebispo.

Nº 428 e 429 - Dois gremiais, um verde e outro preto, do primeiro Arcebispo de Campinas. O gremial é o pano que se colocava sobre os joelhos do bispo nos pontificais, para assento das suas mãos, durante o canto do Kyrie, Glória e Credo, e durante as unções nas ordenações e na distribuição de cinzas e candelias bentas. As referências históricas sobre o gremial datam do século XIII.

Época: atual

Ofertante: Sua Excia. Dom Antonio Maria Alves de Siqueira.

IMAGENS

Nº 256 - Cristo ressuscitado venerado na antiga matriz de Indaiatuba.

Época: século dezenove

Ofertante: Matriz de Nossa Senhora da Candelária de Indaiatuba.

Nº 33 - Sant'Ana Mestra e Nossa Senhora, belíssima imagem nordestina de apurado gosto artístico e bem caracterizada na sua origem.

Época: século dezoito

Ofertante: Coleção Dom Paulo de Tarso Campos.

Nºs 75 e 76 - Sant'Ana Mestra e Nossa Senhora, e São Joaquim de botas; valiosa arte baiana, era da Catedral de Campinas.

Época: século dezanove

Ofertante: Coleção Dom Paulo de Tarso Campos.

NO CENTRO DO SALÃO

Nº 83 - São Miguel, imagem portuguesa de bela escultura, era venerada na capela da família do Sr. João Gonçalves, de Monte Mor.

Época: século dezanove

Ofertante: Coleção Dom Paulo de Tarso Campos.

Nº 433 - São José, escultura em madeira assinada por M. Del Fávero, de São Paulo.

Época: 1910

Ofertante: Coleção Dom Paulo de Tarso Campos.

Nºs 21 e 71 - Suportam estas duas imagens, uma mesa, assim como seu par que suporta os anjos, peças de números 401 e 402, ambas de confecção doméstica, por escravos da fazenda do seu proprietário, como se praticava até o século passado. Foram confeccionadas na Fazenda e usadas na residência de José de Souza Campos (1830-1900).

Época: século dezanove

Ofertante: Comendador Theodoro de Souza Campos Junior.

LATERAL

Nº 31 - Hoje pouco valor se atribue às imagens de gesso, peças industrializadas de fabricação em série; a presente, Nossa Senhora do Patrocínio, padroeira da matriz de Monte Mor, é exemplar raro, antigo e de autoria designada por assinatura no pedestal, L. Bruneli.

Época: século dezanove

Ofertante: Coleção Dom Paulo de Tarso Campos.

Nº 286 - São Sebastião, imagem da velha e demolida matriz de Itapira, escultura de madeira.

Época: século dezoito

Ofertante: Paróquia de Nossa Senhora da Penha de Itapira.

Nº 77 - São Benedito, com traços de arte paulista, afigura uma produção de valor. Foi da primitiva igreja matriz de São José de Moji Mirim.

Época: século dezoito

Ofertante: Coleção Dom Paulo de Tarso Campos.

Nº 35 - Nossa Senhora da Conceição, com repintura antiga, belo trabalho de arte talhado em pinho de Riga, doado por Dona Ester Pelegrini. Era venerada na antiga igreja de Santa Efigênia de São Paulo.

Época: século dezenove

Ofertante: Coleção Dom Paulo de Tarso Campos.

Nº 57 - O Cristo ressuscitado é dos primitivos tempos da Catedral de Campinas quando era ainda a matriz da Conceição.

Época: século dezenove

Ofertante: Coleção Dom Paulo de Tarso Campos.

Nºs 37 e 38 - Sant'Ana e São Joaquim, par de esculturas policromadas de encantador apuramento, obra portuguesa do escultor J.A.Lapa.

Época: século dezenove

Ofertante: Coleção Dom Paulo de Tarso Campos.

Nºs 280, 281 e 282 - Três imagens que pertenceram à capela do engenho do Mato Dentro de Baixo, hoje Vila Brandina, importadas de Portugal no ano de 1838, são belíssimos exemplares da arte lusa.

Época: 1838

Ofertante: Dona Odila e Lafaiete Álvaro de Sousa Camargo, por disposições de última vontade.

Nº 192 - Estampa de Nossa Senhora do Bom Conselho, trazida da Itália por Inácio Pelegrini durante a epidemia da febre amarela. Sobre esta Nossa Senhora há uma tradição que afirma ter Dom Francisco de Campos Barreto, 2º Bispo de Campinas, em suas orações a ela, sentido sua vocação para o sacerdócio.

Época: 1890

Ofertante: Coleção Dom Paulo de Tarso Campos.

PALÁCIO DOS AZULEJOS

Nºs 298, 299, 9, 297 e 36 - São cinco imagens, quatro doadas por Dona Ana Leonísia do Amaral Camargo, viúva do Dr. Candido Ferreira da Silva Camargo e no-

ra dos Barões de Itatiba. O Crucificado que seguramente pertenceu a êstes titulares, e as quatro da doação citada, de São Francisco de Sales, Cristo Flagelado, Nossa Senhora e Sant'Ana.

Época: O Crucificado do século dezoito e as demais, do dezenove.

Ofertante: Paróquia de Sant'Ana, de Valinhos.

Nº 63 - A segunda imagem da padroeira da matriz de Nossa Senhora da Conceição, hoje Catedral é arte portuguesa importada em 1871 pelo vigário. Corôa de prata de 1886, confeccionada e assinada pelo ourives campinense Antônio Fragoso.

Época: 1871

Ofertante: Curato da Catedral.

LATERAL

Nº 19 - São Gonçalo de Amarante, belíssima obra portuguesa do culto no antigo convento carmelitano de Santa Tereza, de São Paulo.

Época: século dezenove

Ofertante: Coleção Dom Paulo de Tarso Campos.

Nº 84 - São Paulo, da capela de antepassados do sr. João Gonçalves, de Monte Mor.

Época: século dezenove

Ofertante: Coleção Dom Paulo de Tarso Campos.

Nº 66 - Santo Antônio, arte portuguesa mandada buscar em 1862 por Antônio Francisco Guimarães, o Bahia de alcunha. Destinava-se à matriz nova (Catedral) que estava em construção; aguardando o término desta construção, ficou a imagem na matriz velha (Carmo). Como o Bahia faleceu antes de inaugurada a matriz nova, ficou a imagem na velha até vir para o Museu.

Época: 1862

Ofertante: Coleção Dom Paulo de Tarso Campos.

Nº 81 - São Francisco de Assis com repintura que encobre seus característicos originais, é bela imagem talhada em madeira que se venerou em nossa Catedral.

Época: século dezenove

Ofertante: Coleção Dom Paulo de Tarso Campos.

Nº 434 - São Domingos, venerado na Catedral desde a sua inauguração em 1883, completa a série de imagens grandes, escultura em madeira de apurado acabamento policrômico.

Época: 1883

Ofertante: Coleção Dom Paulo de Tarso Campos.

VIDA DE SANTA TERESA

Nº 196 - Das cinco telas de uma série que possui o Museu sobre a vida de Santa Teresa de Jesus ou de Ávila, só é possível expor três. São de autoria do pintor e professor Vedras que instalou sua escola em São Paulo em 1845 e executou estas telas por encomenda do antigo convento Carmelitano de Santa Teresa, da rua do Carmo em São Paulo. Os quadros representam êxtases da grande santa doutora da Igreja.

Nº 198 - Outra passagem da vida de Santa Teresa de Ávila, no qual se historia uma graça da Virgem Maria.

Nº 199 - Em busca das relações dos fatos figurados nas telas com a vida de Santa Teresa, encontramos o histórico de uma das visões, relatadas em "Obras de Santa Teresa" pelo Padre Silvêrio nestes dizeres: *Um dia do glorioso São Pedro, "parecia-me estava junto tocando-me Cristo, e era Ele que me falava".*

Época: 1845

Ofertante: Coleção Dom Paulo de Tarso Campos.

A PRIMEIRA IMAGEM

Nº 14 - Nossa Senhora da Conceição, arte baiana, foi venerada na primeira capela, chamada capela interina edificada em Campinas para a sua fundação em 1774, servindo de matriz no local onde se acha a estátua de Carlos Gomes, enquanto se construía a definitiva de taipa, no local da matriz do Carmo.

Esta imagem não se venerava no altar mor, pois ali estava imagem de roca, mas na sacristia como diz o documentário existente, de onde assistiu o nascimento de Campinas. No pontificado de Dom Paulo de Tarso, ela percorreu todas as paróquias da então diocese.

Época: século dezoito

Ofertante: Coleção Dom Paulo de Tarso Campos.

Nº SC 605 - Sino fundido em Campinas, na Escola Profissional Bento Quirino.

Época: século atual

Ofertante: Propriedade da Irmandade de Misericórdia de Campinas.

Nº 64 - Jesus Manietado é uma curiosa imagem de madeira, ôca, de tamanho mais que natural.

Época: século dezenove

Ofertante: Coleção Dom Paulo de Tarso Campos.

ACERVO GERAL

Dispõe o Museu de um acervo histórico que, por falta de espaço, fica reservado para exposições temporárias, e outro que a técnica recomenda que se conserve em arquivos. São de pinturas à óleo e aquarela, a coleção soma 117 peças, tendo a considerar ainda acervo de autógrafos, documentos de valor histórico, fotografias e estampas, livros antigos religiosos ou históricos, porcelanas e cristais. As exposições temporárias serão anunciadas oportunamente.

HOMENAGENS

A Construtora e Pavimentadora Lix da Cunha S.A., com escritório técnico em Campinas, executando graciosamente trabalhos neste Museu, homenagens de agradecimentos.

DIRETORIA DO MUSEU

PRESIDENTE - Sua Excelência Dom Antônio Maria Alves

VICE - Sua Magnificiência Prof. Benedito José Barreto Fonseca

DIRETOR DO MUSEU - Com. Celso Maria de Mello Pupo

1º SECRETÁRIO - Monsenhor Euclides Senna

2º SECRETÁRIO - Prof. Celso Ferraz de Camargo

TESOUREIRO - Com. Theodoro de Souza Campos Junior

CONSELHEIRO - Monsenhor João Alexandre Loschi

CONSELHEIRO - Prof. Joaquim Olavo Sampaio

CONSELHEIRO - Prof. Lycurgo de Castro Santos Filho

CONSELHEIRO - Prof. Mário Gianini

CONSELHEIRO - Sr. Olavo Barbosa de Azevedo

CONSELHEIRO - Engº Waldemar Strazzacappa

I N D I C E

	<u>pag.</u>
Nºs 1 a 7	5
Nº Ct 1.....	15
Nºs Ct 2 e 3.....	18
Nº 9.....	22
Nºs 10 e 11.....	11
Nºs 12 e 13.....	19
Nº 14.....	24
Nº 15.....	3
Nº 16.....	4
Nº 17.....	5
Nº 19.....	23
Nº 20.....	6
Nº 21.....	21
Nºs 22 e 23.....	11
Nº 29.....	9
Nº 30.....	7
Nº 31.....	21
Nº 32.....	10
Nº 33.....	20
Nºs 35 a 38.....	22
Nºs 46 e 47.....	17
Nºs 48 a 50.....	18
Nºs 51 e 52.....	19
Nºs 55 e 56.....	16
Nº 57.....	22
Nºs 58 e 59.....	12
Nº 60.....	6
Nºs 61 e 62.....	18
Nº 63.....	23
Nº 64.....	25
Nº 65.....	14
Nº 66.....	23
Nº 68.....	19
Nº 69.....	18
Nº 70.....	18
Nº 71.....	21
Nºs 72 e 73.....	14
Nºs 75 e 76.....	21
Nº 77.....	22
Nº 78.....	4

Nº 79.....	8
Nº 80.....	6
Nº 81.....	23
Nº 83.....	21
Nº 84.....	23
Nº 85.....	15
Nº 112.....	6
Nºs 118 a 124.....	16
Nºs 132 a 134.....	7
Nº 141.....	8
Nº 142.....	7
Nº 143.....	8
Nº 192.....	22
Nºs 193 e 194.....	16
Nºs 196, 197 e 199.....	24
Nº 251.....	10
Nº 252.....	9
Nºs 253 a 255.....	10
Nº 256.....	20
Nº 257.....	6
Nº 258.....	4
Nº 263.....	8
Nº 264.....	17
Nºs 266 e 267.....	16
Nº 268.....	10
Nº 271.....	10
Nº 272.....	4
Nº 279.....	19
Nºs 280 a 282.....	22
Nº 286.....	21
Nºs 297 a 299.....	22
Nº 392.....	8
Nºs 393 e 394.....	11
Nº 395.....	9
Nº 397.....	6
Nº 400.....	16
Nº 401.....	13
Nº 402.....	14
Nº 403.....	15
Nºs 404 e 405.....	19
Nº 408.....	7
Nºs 409 a 419.....	19
Nºs 420 a 429.....	20
Nºs 430 e 431.....	16
Nº 432.....	14

Nº 433.....	21
Nº 434.....	24
Nº 436.....	7
Nºs 449 a 451.....	18
Nºs SC 570 a 580.....	13
Nº SC 605.....	25
Nºs SC 606 a 608.....	14
Nºs SC 614 a 617.....	13
Nº SC 619.....	16
Nºs SC 621 a 624.....	6
Nº SC 629.....	5
Nº SC 631.....	13
Nº SC 638.....	5

- * -

*Este guia foi composto e impresso em "offset",
processo direto, por
ATIVA - Promoções Culturais Ltda.
Av. Dr. Moraes Salles, 1609 - Fone 9.3330
Capa e Produção Gráfica: Antonio Carlos Mícoli*

composição: IBM - chapas POLYCHROME DiKote Mats
impressão em HAMADA STAR 500



Promoções Culturais Ltda.
Campinas/SP